



A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA PÚBLICA BRASILEIRA E A PRÁTICA INTERDISCIPLINAR NAS RELAÇÕES DE TRABALHO

Ana Paula Lima dos Santos¹, Gilda Sousa de Alvarenga², Luiz Antônio de Souza³

¹ Mestre em Ciência da Informação; Bibliotecária, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

² Especialista em Biblioteconomia; Bibliotecária, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

³ Mestre em Ciência da Informação; Bibliotecário, Academia Brasileira de Letras/Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Aborda as relações de trabalho na biblioteca universitária pública brasileira, a falta de interação entre os setores da biblioteca e, conseqüentemente, o isolamento dos serviços internos, que resulta em trabalho individual e em prejuízo para a qualidade dos serviços oferecidos aos usuários. Apresenta a biblioteca como um sistema interativo e interdependência entre os diversos setores, a fim de dinamizar as relações administrativas e gerenciais para uma maior integração sistêmica, cujos resultados serão serviços práticos, eficazes e dinâmicos, com motivação para o trabalho interdisciplinar, o que contribuirá para o desenvolvimento e a qualidade dos serviços prestados aos usuários, neste caso a comunidade acadêmica. A metodologia utilizada foi a revisão de literatura. Conclui que com atividades simples que promovam a integração e o diálogo entre os setores da biblioteca universitária, bem como a qualificação dos profissionais firmará está como um laboratório na sociedade da informação.

Palavras-Chave:

Biblioteca Universitária; Interdisciplinaridade; Relações administrativas; Informação; Gestão.

Abstract

Discusses labor relations in the brazilian public university library, the lack of interaction between sectors of the library and, consequently, the isolation of internal services, which results in the individuality of the work and affect the quality of services offered to users. Presents the library as an interactive and interdependent sectors, with the aim of strengthening relations and administrative management for greater systemic integration, whose results will be practical services, effective and dynamic, with motivation for interdisciplinary work between the sectors, which contribute to the development and quality of services provided to the academic community. The methodology was a literature review. It concludes that simple activities that promote integration and dialogue among various sectors of the university library, as well as the professional qualification will confirm this as a laboratory in society information.

Keywords:

University Library; Interdisciplinary; Administrative Relations; Information; Management.

1 Introdução

Se antes a informação era relevante, atualmente ela figura como elemento crucial na sociedade da informação. A informação em estado potencial está presente em todo o universo em que vivemos e tem se tornado um bem precioso e valioso. De acordo com Corte (2002), o início deste século apresentou uma nova ordem na organização da produção, na circulação de bens e serviços, nos hábitos e costumes sociais, na atividade política, econômica e, sobretudo, cultural. Por isso a preocupação em organizar e disponibilizar a informação tem sido alvo de atenção e interesse dos profissionais da informação. Na perspectiva de Barreto (2009, p.1), pode-se definir a informação como "Conjuntos simbolicamente significantes com a competência e a intenção de gerar conhecimento no indivíduo em seu grupo e na sociedade".

Nesse contexto, as bibliotecas e centros de informação responsáveis pela guarda, tratamento e disponibilização da informação têm voltado sua atenção e estudo para atender de forma satisfatória o seu público.

Dessa forma, como afirma Vergueiro (2000), a biblioteca universitária como "geradora" de informação para a produção do conhecimento, possui elementos para contribuir para o desenvolvimento social do país, e passa, portanto, a ter maior relevância dentro do contexto social e econômico predominante nesse final de século. Assim, faz-se necessário que se definam as práticas de trabalho e os métodos gerenciais que respondam de forma rápida e eficiente às necessidades informacionais do seu público.

Para o Censo de Educação Superior, a Diretoria de Estatísticas e Avaliação da Educação Superior (DAES/INEP/MEC), biblioteca é o local que existe acervo disponível para consulta e empréstimo, serviços de registro e catalogação e presença de profissionais bibliotecários e auxiliares.

Nesse âmbito a biblioteca universitária é um "celeiro" de soluções mais também é um "celeiro" de problemas, principalmente no que se refere a administração e organização. O primeiro grande problema que se pode encontrar nesse cenário é o da gestão, pois como afirma Maciel e Mendonça (2006, p. 7) os gerentes de bibliotecas são pessoas muito atarefadas. Na maioria das vezes não conseguem encontrar tempo para refletir, planejar o seu trabalho e principalmente sobre "a estrutura que o sustenta". Suas preocupações imediatas são as tarefas mais urgentes, que, aliás, são constantes e continuas. Acrescente-se que, além de gestores, responsáveis que são pelas respostas às demandas da alta administração, têm, igualmente, que fazer, ou seja, executar tarefas rotineiras da biblioteca, considerando-se o quadro de pessoal que está, no mais das vezes, incompleto ou, se completo, em total descompasso, gerando descontentamentos, com graves prejuízos para consecução dos objetivos.

Outra questão preocupante nas bibliotecas universitárias públicas brasileiras é o trabalho isolado dos setores. Em muitos casos não se sabe o que acontece em setores diferentes que compartilham o mesmo lugar, uma biblioteca central, por exemplo, há o Setor de aquisição em que são feitas as compras e o recebimento de doações de materiais bibliográficos; o Setor de Processamento Técnico onde são processados os materiais adquiridos pela aquisição e o Setor de referência lugar que se presta auxílio aos usuários para encontrar os materiais que foram adquiridos e tratados para disponibilização dos mesmos.

Esses setores, embora separados, são interligados e deveriam desenvolver suas atividades em harmonia e não individualizados. Essa individualização gera uma “quebra” em um sistema que deveria ser contínuo e dinâmico. Nessa conjuntura, **como a biblioteca universitária pública pode ser um laboratório na sociedade da informação se suas bases tanto administrativas quanto organizacionais são falhas?**

A partir dessas premissas o que se pretende com esse trabalho é indagar: como as bibliotecas universitárias públicas brasileiras podem resolver esses problemas? Como despertar nos profissionais da informação, principalmente os bibliotecários, a consciência de integração e não de isolamento para que a biblioteca seja vista e administrada como um sistema de informação, em que os setores dialogam e, conseqüentemente, produza uma maior integração entre os diversos setores das bibliotecas universitárias públicas brasileiras, facilitando sua comunicação interna e unificando os serviços e produtos oferecidos a comunidade acadêmica.

Para situar a biblioteca universitária no contexto interdisciplinar será apresentada, de modo sucinto, a revisão da literatura.

2 O pensamento interdisciplinar: uma necessidade nas bibliotecas universitárias brasileiras

O ser humano não vive só, e tampouco trabalha só, está sempre em contato com outras pessoas, com outros ambientes. Somos uma criação de convicções e influências presenciadas diariamente nos comportamentos das pessoas com as quais convivemos, e esse convívio nos amadurece nos faz crescer como seres humanos e como profissionais. Essa integração é importante para o nosso desenvolvimento na vida, seja afetiva ou profissional. Com as disciplinas e a ciência acontece o mesmo. A integração dos pesquisadores faz com que desempenhem o seu papel de forma abrangente e recíproca com mais visões e opções de trabalho. Ao se relacionarem, trocam ideias e informações, obtendo uma maior riqueza intelectual, o que contribui para facilitar a produção dos seus trabalhos científicos. Assim, a interdisciplinaridade cumpre o seu papel que é a integração disciplinar para um rumo eficaz e produtivo do conhecimento.

A ampliação por intermédio do diálogo permite enriquecer nossa relação com o outro e com o mundo. Uma das características da interdisciplinaridade é a interação entre uma ou mais áreas do conhecimento, e os profissionais que tiverem essa visão encontrarão um campo maior de trabalho, além de aumentarem seus conhecimentos interagindo com outras áreas.

Segundo Japiassu (1976) interdisciplinar é o mesmo que comum a uma ou mais disciplinas ou áreas do conhecimento, ou seja, o que está relacionado ou ligado a algo. A interdisciplinaridade se define e é elaborada “por uma crítica das fronteiras das disciplinas, de sua compartimentação, proporcionando uma grande esperança de renovação e de mudança no domínio da metodologia das ciências humanas”. (JAPIASSU, 1976, p. 54).

A etimologia do termo disciplina tem origem no latim *discere* e quer dizer aprender e, de seu derivado, *discipulus*, aquele que aprende. (MAHEU, 1999?). Fazenda (1993) ressalta que, no idioma latino, dentre as diversas conotações que podem ser atribuídas ao prefixo *inter*, uma delas é troca e a disciplina seria o mesmo

que ensinamento, instrução, ciência. “Logo, a interdisciplinaridade pode ser compreendida como sendo a troca, de reciprocidade entre as disciplinas ou ciências, ou melhor, áreas do conhecimento”. (FAZENDA, 1993, p.15).

A interdisciplinaridade sendo a interação com uma ou outra área do conhecimento facilita o aprendizado e o andamento de pesquisas e trabalhos, pois é onde podemos utilizar a troca de informações formando uma interação recíproca, a fim de realizarmos algo produtivo e satisfatório.

Ainda de acordo com Japiassu (1976, p. 42-43), o fenômeno interdisciplinar, tem dupla origem: uma interna e outra externa. A interna tem como atributo “o remanejamento geral do sistema das ciências que observa seu andamento e seu modo de se organizar”; a externa “caracterizando-se pela mobilização cada vez mais extensa dos saberes convergindo em vista da ação”. Assim, o ponto de partida dessa relação é quando identificamos o que cada disciplina estuda e suas relações comuns de trabalho, para podermos relacionar as familiaridades e realizar a integração disciplinar.

A interdisciplinaridade pode ser vista também como uma resposta a um sistema de ensino equivocado, onde os profissionais são orientados e educados a se especializarem e acabam se fechando em seu próprio “mundo,” não enxergando outras formas de compartilhamento de competências e delimitando sua área de atuação.

A interdisciplinaridade se apresenta em nossos dias [...] sob a forma de um tríplice protesto: contra um saber fragmentado [...] contra essa própria sociedade, na medida em que ela faz tudo o que pode para limitar e condicionar os indivíduos a funções estreitas e repetitivas, para aliená-los de si mesmos, impedindo-os de desenvolverem e fazerem desabrochar todas as suas potencialidades e aspirações mais vitais; Contra o conformismo das situações adquiridas e das “ideias recebidas” ou impostas. (JAPIASSU, 1976, p. 43).

O mercado de trabalho ao exigir profissionais “multi”, ou seja, que conheçam de tudo um pouco vem sinalizando a importância da interação. Existem profissionais que não conseguem trabalhar juntos, simplesmente fecham sua área de atuação, não se aproximam de outros profissionais e não deixam que esses se aproximem. “Nesse sentido, é muito comum encontrarmos profissionais que não conseguem trabalhar de forma interdisciplinar, que não conseguem se desvencilhar do que ficou introjetado na sua formação intelectual”. (LEMOS, 1999?, p. 6). Não basta se especializar em uma única área, como diz Japiassu (1976, p. 8) “o triunfo da especialização consiste em saber tudo sobre nada”, temos que nos capacitar para conhecer de tudo um pouco (nos atualizarmos constantemente) e especificamente dentro de nossa área de atuação. A especialização não deve ser “fechada”, se faz necessário aprender a discernir e trabalhar epistemologicamente as teorias que definem o corpo das disciplinas. Entender esse aspecto como um estudo crítico da teoria do conhecimento, nos posiciona abertos a outras áreas do conhecimento e nos qualifica para uma melhor abstração desse próprio saber. Quem se dispõe a pesquisar deve ter em mente que na ciência nada é definitivo e que não se deve ter a pretensão da autossuficiência; afinal o saber está em constante mudança.

Entende-se que o saber se apresenta em uma evolução constante e que o progresso científico tem avançado em ritmo acelerado e os estudos, principalmente, os voltados para o ser humano no que se refere à gestão de pessoas, têm ganhado

espaço na literatura e têm se tornado uma preocupação constante dos “gestores” de unidades de informação. Um novo conceito que se apresenta nesses estudos é o de “Gestão de talentos” que é apresentado por Currás, (2010, p. 31) como: o talento, a capacidade e a habilidade do ser humano, que possui uma boa formação profissional, um especialista em seu campo de trabalho, ou seja, um profissional bem informado e atualizado. “Além do mais, deve ser criativo e imaginativo, inclinado à inovação. Deve possuir sentido de responsabilidade e do cumprimento de suas obrigações”. Para autora esse profissional “quase perfeito” seria o “primeiro elo de uma corrente, na hora de considerar o capital humano, como promotor de valores econômico-produtivos”. (CURRÁS, 2010, p.31)

É imperativo que tanto os bibliotecários e auxiliares da biblioteca universitária pública tenham iniciativa e inovação, porque se sabe que nem sempre teremos a estrutura perfeita para prestar o melhor serviço, mais cabe a esses profissionais encontrarem, em conjunto com os diversos setores, o caminho ideal para realizar o melhor trabalho. Ser especialista no seu campo de atividade é maravilhoso, pois o profissional além de ter segurança e domínio do campo, desempenha suas atividades com eficácia e qualidade, porém isso não significa que ele tenha que se fechar no seu campo de atuação e nem no seu “Setor” de trabalho.

Se a interdisciplinaridade é um “remédio” para esses problemas, o que se entende da interdisciplinaridade é que ela se apresenta contra a forma tradicional de organização do saber; propõe-se a “lutar” contra as especialidades desordenadas existentes e as particularidades das linguagens nas ciências, onde os pesquisadores não falam uma linguagem global, que Japiassu denomina de “babelismo” - ninguém entende ninguém. Nesse sentido, a interdisciplinaridade “se afirma como uma reflexão epistemológica sobre a divisão do saber em disciplinas, para extrair suas relações de interdependências e de conexões recíprocas”. (JAPIASSU, 1976, p. 54).

2.1 A biblioteca universitária pública brasileira em busca de uma visão sistêmica

Na atual sociedade da informação as bibliotecas desempenham um novo papel onde são vistas como laboratórios dessa sociedade da informação e, com tamanha responsabilidade, devem alcançar a visibilidade e o status que lhe foram impostos. Têm a responsabilidade de ir além de uma simples biblioteca e passar a se impor como um centro de informação e, como tal, devem conduzir suas práticas administrativas e organizacionais sempre em direção a ideia de sistema, interação, dinamismo e inovação.

Para Rossini (2007, p. 108), sistemas de informação são elementos relacionados entre si que atuam em conjunto “para coletar, processar e prover informações aos sistemas e/ ou processos de decisão, coordenando controlando, analisando e visualizando processos internos às organizações”. Barreto (2009), afirma que a biblioteca é uma instituição que possui competência para fomentar o conhecimento. Fundado nesse raciocínio, uma instituição que possui competência para tal atividade pode incentivar a inovação e, conseqüentemente, o desenvolvimento da sociedade.

A criação e manutenção de sistemas de bibliotecas respondem a valores consolidados no ambiente, simbolizando o compromisso da universidade com a qualidade da formação e da produção acadêmica. (GOULART; CARVALHO, 2002).

Nas últimas três décadas amplas mudanças internas e externas vêm refletindo nas bibliotecas universitárias, cujas mudanças refletem em suas estruturas organizacionais. (GOULART; CARVALHO, 2002).

A análise organizacional das bibliotecas universitárias está intimamente ligada ao quadro evolutivo do contexto institucional, bem como o sucesso alcançado por elas.

No estudo de Ferreira (1980) identificaram-se modelos estruturais, classificados em centralizados, uma vez que a maioria das bibliotecas pesquisadas encontrava-se definidas pela centralização ou em fase de transição para esse modelo. As principais argumentações apresentadas para essa forma foram as seguintes: redução do número de bibliotecas; reunião das coleções; integração dos serviços bibliotecários; integração dos pesquisadores; custo de manutenção e desenvolvimento de produtos e serviços; custo e desempenho dos processos de gestão e controle; desempenho orçamentário-financeiro. Esta centralização dava ênfase à otimização dos recursos e o fortalecimento interno das bibliotecas. Não se pretendia indicar um modelo ideal, somente mostrar vantagens e desvantagens desse sistema.

Já no estudo de Mercadante (1990) foram identificados modelos organizacionais com coordenação sistematizada e com regulamentação oficial na maioria das instituições pesquisadas. Tal pesquisa se propunha a formular recomendações para que as universidades com bibliotecas descentralizadas se conscientizassem da necessidade de integrá-las a estruturas administrativas modernas, isto é, sob uma única coordenação, assegurando que o órgão coordenador tivesse competências para definir políticas de informação a nível institucional, garantisse representatividade junto ao Conselho Universitário e detivesse condições de avaliar periodicamente o sistema de bibliotecas. O estudo fez recomendações para que os sistemas já constituídos se formalizassem por meio da aprovação institucional de regimentos; incluíssem comissões em seu processo de gestão; participassem da política orçamentária financeira da universidade, com responsabilidades definidas; coordenassem centralizadamente os serviços de aquisição, processamento técnico, políticas e planos de serviços aos usuários; e se integrassem a redes e serviços cooperativos.

Verifica-se que as recomendações da primeira pesquisa refletem na segunda, principalmente na concepção da estrutura organizacional sistêmica. Tendo em vista o fenômeno da globalização, cujos reflexos atingem todos os setores da sociedade. As Universidades vêm, também, tentando se adequar às pressões do novo contexto social, econômico, tecnológico e político.

As bibliotecas universitárias, como organização social prestadora de serviços, criadas e mantidas para dar apoio aos programas de ensino, pesquisa e extensão, por meio de suas coleções, serviços e produtos de informação, serão igualmente afetadas por estas mudanças, que irão refletir tanto nos assuntos administrativos como nos tecnológicos e nos processos de avaliação, instituídos pelo Ministério da Educação (MEC), nos quais as bibliotecas se inserem como infraestrutura acadêmica, indicativa da capacidade de oferecimento de cursos.

As mudanças administrativas impõem restrições orçamentárias e organizacionais, com reflexos importantes no quadro de pessoal, infraestrutura física e financiamento de coleções e serviços. As inovações tecnológicas irão permitir uma melhor prestação dos serviços de informação, que terão influência significativa, nos

processos de geração, acesso, disseminação e uso de informações e conhecimentos, questões que se baseiam nos objetivos e funções das bibliotecas.

Esses serviços se realizam em meio ao funcionamento de redes e serviços cooperativos, fazendo com que as bibliotecas dêem um salto de qualidade para o futuro, no contexto acadêmico e científico. (CORTE; ALMEIDA 1999).

As bibliotecas universitárias não são organizações autônomas e sim organizações dependentes de uma organização maior – a Universidade, portanto, sujeitas a receberem influências externas e internas do ambiente que as cercam (MACIEL, 2000?). Ao mesmo tempo uma organização não pode sobreviver na dependência absoluta de variações ambientais. Precisa de alguma regularidade estrutural para enfrentar todas essas incertezas e que seja ao mesmo tempo, simples e flexível. (MACIEL, 2000?).

Torna-se importante considerar também as mudanças que a introdução de novas tecnologias informacionais vem provocando nos serviços meios e fins das bibliotecas universitárias, redefinindo algumas funções e, conseqüentemente, a estrutura organizacional dessas bibliotecas em relação ao impacto da tecnologia.

O surgimento de novas formas organizacionais também pode sofrer influência dos objetivos e pelas diferentes percepções dos membros organizacionais. Isso implica aceitar que indivíduos, grupos ou organizações podem perceber diferentemente um mesmo contexto institucional, o que os levaria a adotar diferentes posturas frente à relação organização-ambiente e no conseqüente delineamento de estratégias de ação. (GOULART; CARVALHO, 2002).

A literatura da área vem apontando através de relatos de experiências, comunicações (artigos de periódicos, Seminários de Bibliotecas Universitárias etc.) a preocupação que os gestores de bibliotecas têm com relação à organização como um todo e sua estrutura, face ao impacto da tecnologia e as influências macro ambientais, as expectativas de sua clientela e a forma de como lidar com essas ameaças e oportunidades oferecidas pela ambiência.

O impacto na estrutura das bibliotecas é uma das principais questões apresentadas por Button apud Oliveira (2008?), que revisou a literatura em relação a essa temática.

Quanto à postura do planejador/gestor, viu-se como mais indicado um modelo gerencial pautado na estratégia empreendedora e que, segundo Mintzberg (1973 apud MINTZBERG; AHLSTRAND; LAMPEL, 2000, p.106), o poder de decisão das atividades deve ficar de certo modo centralizado nas mãos do principal gestor, a quem competirá também promover “grandes saltos”, face às incertezas, e para que se acompanhe as mudanças exigidas pela sociedade, pelas inovações tecnológicas e o seu próprio poder empreendedor.

Quanto à indicação do modelo organizacional a ser adotado, Mintzberg (2003, p 114-115), levanta as seguintes questões:

Qual é a melhor estrutura: centralizada ou não? Uma biblioteca considerada centralizada por estar em apenas um local, embora a maior parte do poder de decisão esteja dispersa entre suas chefias departamentais, ou uma biblioteca ‘descentralizada’, que consiste em bibliotecas satélites amplamente espalhadas, em que seus (suas) bibliotecários (as) chefes centralizam o poder sem compartilhá-lo com nenhum dos funcionários?

Essas indagações são complexas e devem ser analisadas com muito cuidado, pois o que impera nessa decisão é a vaidade, o ego, onde gestores acham que podem resolver tudo sozinhos em uma relação de “manda quem pode e obedece quem tem juízo”. O gestor deve ter a capacidade de liderar, motivar e comunicar. Liderar é diferente de dar ordens, impor uma vontade. Liderar, acima de tudo, é conduzir a equipe aproveitando a experiência de cada um no seu fazer e, principalmente, no pensar o seu fazer, motivar e incentivar para tornar o ambiente de trabalho mais leve, reconhecer a importância de cada um dos funcionários como parte importante de um sistema maior, comunicar no sentido de prestar contas, isto é, dizer o que está acontecendo de maneira clara e ampla, a fim de que as revisões das metas e dos objetivos, bem como dos serviços, sejam realizados em conjunto. Em suma, o trabalho em conjunto e compartilhado torna cada um dos componentes mais conscientes e mais responsáveis pelas ações e resultados, por conseguinte, torna a equipe mais forte e os serviços e produtos mais eficientes e eficazes. Juntos, unidos e coesos são mais fortes do que isolados e desunidos, nestes dois últimos casos, ao não compartilharem nada, também não agregam nada, e todos perdem.

Relacionamos algumas propostas ou atitudes que podem ser implantadas para melhoria desse quadro em bibliotecas universitárias públicas brasileiras:

- a) Divulgação mensal das atividades de cada Setor;
- b) Reuniões trimestrais para informar, discutir e apresentar soluções ou problemas. O funcionário se sente útil e responsável pelo bom funcionamento da biblioteca;
- c) Reuniões de confraternização para integrar os membros da equipe e dar “leveza” ao ambiente de trabalho;
- d) Destacar o funcionário do mês: pelo bom desempenho no atendimento; pela quantidade de materiais que ele processou; ou por qualquer outra atividade em que tenha se destacado. Isso é reconhecer o valor do funcionário e motivá-lo a fazer cada vez melhor suas atribuições; e torná-lo referência para os demais.

3 Materiais e Métodos

Tendo em vista os objetivos deste trabalho e as características de uma exploração teórica, a metodologia utilizada foi a revisão de literatura. Para o desenvolvimento deste artigo foi percorrido o seguinte caminho:

- a) Levantamento bibliográfico sobre bibliotecas universitárias públicas brasileiras no âmbito de gestão;
- b) Levantamento sobre os estudos e conceitos interdisciplinares que pudessem ser associados a esta temática.
- c) Depois de selecionados os textos com os quais trabalharíamos, iniciou-se a leitura e o desenvolvimento da argumentação.

4 Resultados Parciais/Finais

A abordagem desta temática teve como objetivo alcançar os seguintes resultados:

- a) Demonstrar que o trabalho isolado nos setores das bibliotecas

- universitárias públicas brasileiras não deve acontecer e sim primar pelo diálogo e integração entre os setores;
- b) Motivar os funcionários a conhecer bem a biblioteca em que trabalham, para que possam prestar serviços de qualidade ao usuário, incentivar a criatividade, a inovação e a iniciativa;
 - c) Estimular as chefias a integrar, incentivar e prezar o trabalho cooperativo e compartilhado;
 - d) Influenciar a erradicação da hierarquia exacerbada e extremista, que dificulta o diálogo e a integração da equipe;
 - e) Melhorar os serviços prestados ao usuário, através da prática interdisciplinar nas bibliotecas universitárias brasileiras.

5 Considerações Parciais/Finais

Acredita-se que o pensamento, porque não dizer a consciência interdisciplinar dentro do ambiente das bibliotecas universitárias públicas brasileiras, principalmente se proveniente das esferas superiores, ou seja, dos gestores poderá gerar maior integração entre os diversos setores e resultará numa interatividade sistêmica, o que proporcionará nos funcionários a competência para se informar e fazer circular a informação administrativa; e nos usuários a satisfação pelo acesso a serviços e produtos em consonância com suas necessidades informacionais.

Entretanto, para que aquele pensamento ou consciência se realize é necessário que o funcionário conheça todos os setores de maneira uniforme e esteja capacitado a prestar um serviço preciso e direcionado ao usuário, pois sabendo que não é competência do seu Setor, poderá encaminhá-lo ao Setor ou lugar competente que poderá responder com precisão a demanda do usuário.

Todavia, serão atividades simples que poderão mudar o clima organizacional interno nas bibliotecas universitárias públicas brasileiras que, obviamente, contribuirão igualmente para a alteração das posturas tanto pessoais quanto profissionais. Então, e só a partir de então, é que se poderá vislumbrar a possível colaboração para que a biblioteca universitária pública no Brasil seja um verdadeiro laboratório na sociedade da informação.

Por fim, estar aberto e receptivo ao novo e, principalmente, ao novo que vivifica, que promove mudanças positivas, eis o que deve sempre permear a mente de um bom gestor, posto que será a partir dele e com ele que as mudanças começarão e se propagarão pela organização.



6 Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 287 de 27 de abril de 1986. I PNBu: Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias. Disponível em: <<http://www.prolei.inep.gov.br>> . Acesso em: 06 abr. 2012.

_____. Lei 10861, de 14 de abril de 2004. Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.sintunesp.org.br/refuniv/Lei>>. Acesso em: 16 abr. 2012.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Sensação e percepção na relação informação e conhecimento. **DataGramaZero, Revista de Ciência da Informação**, v.10, n.4, 2009. Disponível em: <http://dgz.org.br/ago09/Ind_com.htm>. Acesso em: 28 abr. 2012.

CORTE, Adelaide R.; ALMEIDA, Ieda M. **Avaliação de softwares para a automação de bibliotecas e centros de documentação**. São Paulo: Polis, APB, 1999.

CORTE, Adelaide R.; et. Al. **Avaliação de softwares para bibliotecas e arquivos: uma visão do cenário nacional**. 2. ed. Rev. e ampl. São Paulo: Polis, 2002.

CURRÁS, Emilia. **Ontologias, taxonomia e tesouros em teoria de sistemas e sistemática**. Brasília: Thesaurus Editora, 2010.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?** São Paulo: Edições Loyola, 1993.

FERREIRA, Lucimar Silva. **Bibliotecas universitárias brasileiras: análise de estruturas centralizadas e descentralizadas**. São Paulo: Pioneira, 1980.

GOULART, Sueli; CARVALHO, Cristina. **Formalismo no processo de institucionalização das bibliotecas universitárias**. Disponível em: <<http://www.sibi.ufrj/snbu/snbu2002>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

LEMOS, José Roberto. **Interdisciplinaridade: uma proposta de resgate do conhecimento**. [S. l. : s. n. , 1999?]. Disponível em: <<http://orbita.starmedia.com/outraspalavras/art11jrl.htm>>. Acesso em: 01 set. 2005.

MACIEL, Alba Costa. **Função gerencial na Biblioteca Universitária**. [2000?]. Disponível em: <<http://www.ndc.uff.br/textos/t033.pdf>> . Acesso em: 09 mar. 2012.

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. **Bibliotecas como**



organizações. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2006.

MAHEU, Cristina D' Ávila. **Interdisciplinaridade e mediação pedagógica.** [S. l. : s. n. , 1999?]. Disponível em: <<http://www.nuppead.unifacs.br/artigos/Interdisciplinaridade.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

MERCADANTE, Leila M. Z. **Análise de modelos organizacionais de bibliotecas universitárias nacionais.** Brasília: PNUB, 1990.

MINTZBERG, Henry; AHLSTRAND Bruce; LAMPEL, Joseph. **Safári de estratégia: um roteiro pela selva do planejamento estratégico.** Porto Alegre: Bookmann, 2000.

MINTZBERG, Henry. **Criando organizações eficazes: estruturas em cinco configurações.** 2. ed. São Paulo: McGraw, 2003. p.114-115.

OLIVEIRA, Silas Marques de. **Gerenciamento organizacional de bibliotecas universitárias.** [2008?]. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/snbu/silas.doc>>. Acesso em: 22 maio. 2012.

ROSSINI, Alessandro Marco. **As novas tecnologias da Informação e a educação a distância.** São Paulo: Thomson, 2007.

VERGUEIRO, Waldomiro; CARVALHO, Telma de. Indicadores de qualidade em bibliotecas universitárias brasileiras: o ponto de vista dos clientes. In: XIX CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO 1, 2000, Porto Alegre. **Anais...**Porto Alegre, 2000. 1 CD-Rom.